



Ano 2 | # 3 | edição bimestral | maio e junho de 2009

Revista editada pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – Intercom

Em sintonia com a história do rádio

ROLDÃO, Ivete Cardoso do Carmo. **Nas ondas do rádio - da PCR-9 à Educativa: a trajetória das emissoras de Campinas.** Holambra, SP, 2008. 220p.

ISBN: 859924929-0.

Fabiano Ormaneze¹

Os meios de comunicação brasileiros – seja o rádio, a televisão ou os jornais – sofrem de uma deficiência, que é também uma contradição. Eles retratam e fazem história em seus programas e reportagens, mas, por outro lado, são poucos os registros que se comprometem a contar a trajetória da mídia brasileira: de onde ela veio? Como se constituiu? Em qual momento ganhou as características que tem hoje? A imprensa brasileira tem duzentos anos, mas são pouquíssimos os estudos que tentaram reconstruir esse caminho. É por isso que o livro de Ivete Cardoso do Carmo Roldão, *Nas Ondas do Rádio*, que chegou às livrarias no final de 2008, pela Editora Setembro, é essencial e necessário.

Jornalista, professora e pesquisadora na Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), Ivete se debruçou sobre uma pesquisa histórica sobre a trajetória da radiofonia na cidade paulista de Campinas (a 100km de São Paulo), desde a primeira emissora fundada na cidade, em 1930. Se faltam livros sobre a história da mídia brasileira, quando se volta o olhar para os meios de comunicação do interior, a situação é ainda mais lacônica. Com cerca de 1,1 milhão de habitantes, doze emissoras de rádio, três de televisão e três jornais diários, o último levantamento histórico em livro sobre a mídia campineira havia sido publicado em 1970, pelo jornalista Julio Mariano, que se atreveu a contar a história dos veículos impressos na cidade.

Fruto de pesquisas desenvolvidas durante cerca de três anos, *Nas Ondas do Rádio* foi escrito a partir de entrevistas realizadas pela autora com pessoas que fizeram parte da história da radiodifusão na cidade, além de uma extensa pesquisa em documentos, na

¹ Jornalista e professor universitário. Graduado pela PUC-Campinas, pós-graduado pela Academia Brasileira de Jornalismo Literário (ABJL). Professor da PUC-Campinas na área de jornalismo literário.

literatura existente sobre o assunto, em jornais que noticiaram a criação, alteração de programação e destaques das emissoras ou publicavam anúncios das rádios, ao longo das sete décadas pesquisadas.

O livro está dividido em duas partes. A primeira traz a história das rádios AM – PRC-9/ Educadora (atual Bandeirantes), Brasil, Cultura (atual Globo), Central e Jequitibá. A segunda é dedicada às emissoras FM – Andorinhas (atual Nova Brasil), Cidade, Cultura (CBN Campinas), Educadora, Morena (hoje Rede Aleluia) e Educativa. Escrito em linguagem simples, o livro é acessível não só a pesquisadores ou estudantes de comunicação, mas a todas as pessoas que acompanharam essa história ou têm alguma ligação pessoal com o rádio. Ivete, com declarada paixão, recorda-se, na introdução do livro, de histórias que ela vivenciou como ouvinte e, mais tarde, como estudante de jornalismo, repórter, produtora e gestora de emissoras. A autora, que fez doutorado em comunicação pela Universidade de São Paulo (USP), trabalhou nos anos 80 nas rádios Cultura e Central e, entre 2001 e 2004, foi diretora geral da rádio Educativa, o que lhe trouxe além da experiência como jornalista, novas demandas de conhecimento de técnica, programação, legislação e transmissão.

A história do rádio campineiro é narrada também por detalhes como o relato da primeira transmissão na cidade, em 1930, quando o radialista Jolumá Brito disse no ar: “Aqui fala de Campinas! Nós estamos fazendo transmissão para ver se ouvem a nossa rádio. Quem estiver ouvindo, escreva ou telefone para nós”. Um telefonema chegou da cidade vizinha de Vinhedo, distante cerca de 30km, de modo a causar espanto em Jolumá, que há cerca de três anos fazia tentativas para a implantação de uma emissora na cidade. “Puxa vida! Como vai longe!”, disse. Jolumá morreu em novembro de 1987 e essas palavras só são conhecidas por causa dos poucos levantamentos históricos existentes sobre o rádio, no caso, um trabalho de conclusão de curso, desenvolvido por Hermelindo Oliveira, na PUC-Campinas, no mesmo ano de morte do radialista.

Na época da instalação da PRC-9, os campineiros contavam apenas com dois jornais como meio de comunicação e, até a chegada das emissoras de televisão à cidade, iriam se passar quase 40 anos de grande influência do rádio. Todo esse relato é ilustrado com várias fotografias de momentos históricos ou dos entrevistados para o livro e cartazes que, até a década de 50, anunciavam os programas de auditório, que depois iriam se tornar modelos para a instalação da televisão no Brasil.

Estudar a história dos meios de comunicação é também compreender os significados que eles carregam e difundem hoje. No livro, estão, por exemplo, passagens que demonstram a chegada tímida das emissoras de FM à cidade, no início da década de 80, com o surgimento das rádios voltadas ao público jovem e, mais tarde, a segmentação, a afiliação às grandes redes nacionais, o crescimento do número de programas de entretenimento ou religiosos, como se percebe na análise da programação, que integra o livro e foi desenvolvida por Ivete em parceria com seus orientandos de iniciação científica. Nesse aspecto, fica evidente que a rádio AM continua perdendo espaço na disputa pela audiência do brasileiro e que, sua sobrevivência, depende da sobrevivência de seus ouvintes e de um desafio: a criação de novas linguagens, assunto tão costumeiramente discutido pela academia.

A diminuição dos investimentos em jornalismo também é abordada pela autora. Assim como na maioria das cidades do interior, em Campinas, ocorreu uma considerável retração na cobertura jornalística feita pelas emissoras, se for feita uma comparação, por exemplo, com a década de 80. Na conclusão do livro, a autora faz breves apontamentos

que levam o leitor a pensar nas políticas de concessão das emissoras no Brasil e o envolvimento delas com o poder.

Contrariando previsões pessimistas que anunciaram seu fim logo após a chegada da televisão, o rádio ainda é o veículo de comunicação com maior penetração no país, mais um indício de sua importância na formação da cultura brasileira. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e da Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (ABERT) mostram que estão instaladas no País cerca de 3 mil emissoras e, em 100% dos lares brasileiros, há pelo menos um aparelho de rádio, ainda que funcionando à pilha. Esses dados levam a concluir também quão atual são as palavras de Roquette Pinto, o precursor da radiofonia no Brasil, que no discurso de inauguração da primeira emissora do país, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, em 1923, disse que o rádio seria “o livro dos que não sabem ler e o divertimento gratuito do pobre”. Retratar a memória dos meios de comunicação é, dessa forma, abordar também a cidadania e os passos de que o País precisa para democratizar a informação. Vida longa ao rádio e às pesquisas sobre a história da mídia brasileira!

